

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O DIALOGO PARTICIPATIVO JUNTO ÀS COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA

José Nestor de Paula Lourenço¹; Francisneide de Sousa Lourenço²; Rosangela dos Reis Guimarães¹

¹Embrapa Amazônia Ocidental, C. Postal 319, 69010-970, Manaus-AM, e-mail: nestor.lourenço@cpaa.embrapa.br;

²Comissão Pastoral da Terra, Rua Silva Ramos, 555, Centro, Manaus-AM.

As comunidades ribeirinhas não são homogêneas. Estão diferencialmente estabelecidas em: classes, gêneros, clãs familiares, religião, clubes de futebol, grupos folclóricos entre outros. Considerando a introdução tecnológica, no processo convencional, pensa-se, geralmente, na padronização da vida dos ribeirinhos. De outro lado, a mera identificação dos participantes pelo uso de questionários não reflete estas características, ou seja, a identificação dos grupos de interesse. Para diferenciar estas características é necessário utilizar ferramentas qualitativas, principalmente quando da realização das primeiras abordagens.

Projetos que venham a desenvolver atividades agroecológicas em comunidades ribeirinhas na Amazônia Central, necessitarão de informação adequada tanto sobre o universo social, como sobre o universo geográfico. Tendo em vista os escassos recursos financeiros e humanos com os quais as propostas de desenvolvimento muitas vezes têm que atuar, foram desenvolvidas algumas metodologias rápidas que visam efetuar estudos de caso de campo, geralmente com uma abordagem multidisciplinar, com tempo e números de pesquisadores limitados (Mitlewski, 1999). Tais metodologias variam de acordo com as necessidades específicas de cada projeto.

Este trabalho foi realizado com o intuito de contribuir para uma melhor discussão inicial com as comunidades ribeirinhas na Amazônia, em relação a projetos que queiram realizar introduções de práticas agroecológicas.

Seleção prévia das comunidades

É uma prática pouco utilizada, mas, suas implicações posteriores são facilitadoras para a execução do projeto que se deseja instalar. Geralmente esta seleção é feita devido a sua localização geográfica (fácil acesso, proximidades com os centros urbanos). Porém, alguns critérios básicos estabelecidos, foram fundamentados em discussões com pesquisadores e entrevistas informais com os ribeirinhos, e os formuladores de políticas locais. Os critérios sugeridos para a escolha das comunidades:

- Existência da sociedade civil organizada - (colônia de pescadores, comunidades e associações comunitárias), demais representantes do terceiro setor e as instituições públicas;
- Presença de infra-estrutura e condições mínimas para dar suporte a projetos pilotos, caso mostrem viabilidade (eletricidade, mão-de-obra);
- Logística de transporte de insumos e escoamento da produção facilitado (acesso rodoviário ou hidroviário permanente).

Apresentação do projeto

O segundo passo é a realização de um contato inicial com as lideranças comunitárias, para as quais se solicita ajuda na organização de uma reunião com os moradores da comunidade. Esta ocorre em local comunitário, como centro social, sede, barracão, escola, etc. Durante a reunião, os participantes da equipe técnica se apresentam. Na ocasião, são relatados os objetivos do projeto, as metas, a finalidade da reunião e os levantamentos que se realizaram naquele local. Após ouvir de forma coletiva os aspectos da comunidade e seus principais problemas, os participantes são convidados a participar do projeto, de seus levantamentos, cursos e reuniões.

Levantamentos

Finalizada a parte inicial da reunião, procede ao levantamento de informações propriamente dito. Então, os participantes poderão ser divididos em grupos, sendo apoiados por membros da equipe técnica. Após a divisão dos grupos, deverão ser realizadas as seguintes tarefas:

- Desenhar o mapa da comunidade (porto, estrada, casas, comércios, centros comunitários, igrejas) utilizando cartolinas e pincéis atômicos, indicando uma distribuição geográfica dos componentes estruturais das comunidades;
- Preencher com informações sobre a comunidade, como número de famílias, produtos (agrícolas, extrativistas, artesanatos, mão-de-obra), porém, de uma forma qualitativa; além de outros pontos como história da comunidade, cultura, calendário anual de atividades, aspectos ecológicos.

Ao final do levantamento, os grupos são desfeitos e a reunião termina em forma de assembléia, onde os grupos apresentam os resultados dos seus trabalhos. É uma forma de compartilhar com todos os participantes as informações levantadas. Na oportunidade, renova-se o convite para cooperação com o projeto.

Abordagem junto às comunidades ribeirinhas

A preocupação da execução de projetos junto às comunidades ribeirinhas deverá ser a de garantir a participação efetiva. Por isso devem ser realizadas reuniões em conjunto com a comunidade. Todo o processo, de acordo com o ciclo de vida do projeto, compreende cinco fases distintas, assim apresentadas:

- Planejamento do projeto, por intermédio de reuniões junto à comunidade, para explicar a proposta do projeto;
- Operacionalização das ações, divisão de tarefas entre os comunitários envolvidos;
- Organização do projeto;
- Acompanhamento;
- Avaliação participativa dos resultados (durante a execução e na finalização do projeto).

Todas as fases são complementadas com os respectivos ajustes necessários para manter os rumos do projeto. A grande preocupação é a sustentabilidade do projeto no tempo, mesmo após o encerramento do mesmo. Isto só deve ocorrer com uma real participação dos envolvidos e dos parceiros com suas ações, de forma que eles passem a assumi-las após o término do projeto. Há que se considerar que nada é estático. Todos os processos são dinâmicos e, como tal, sujeitos a

mudanças nem sempre previsíveis. Por isso, um projeto, por mais bem planejado que tenha sido, deve passar por avaliações que serão determinantes na realização de ajustes que o manterão alinhado com as necessidades do grupo-alvo, os interesses gerais e os objetivos propostos. Os ajustes, pelos quais passa o projeto a fim de corrigir o rumo das ações, deverão ser realizados dentro dos eventos de avaliação e monitoria internas do projeto.

Análise dos dados

Após as reuniões, os dados devem ser sistematizados e digitalizados pelos técnicos, para a preparação de relatórios. A precisão da análise da realidade se estabelece com a observação dos dados de aspectos múltiplos e revisão de todas as informações secundárias, até aquele ponto, obtidas.

Para se obter resultado positivo, principalmente neste tipo de comunidade tradicional deve-se trabalhar com uma visão holística, percebendo e valorizando o que a comunidade deseja, e que este desejo faça parte de uma estratégia de resolução do problema a ser enfrentado, sem a necessidade de sacrificar a qualidade de vida dos ribeirinhos.

REFERÊNCIAS

MITLEWSKI, B. **Levantamento rápido rural (LRR)**. Brasília. IBAMA, 1999. 45 p. (Coleção Meio Ambiente. Série Estudos da Pesca, n. 21).

LUIZ, A. J. B. ; SILVEIRA, M. A. Diagnóstico rápido e dialogado em estudos de desenvolvimento rural sustentável. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 35, n-1, p. 83-91. 2000.

SOUSA, G. F. de et al. Situação agropecuária do Estado do Amazonas e sugestões para um programa de desenvolvimento sustentável. In: EMBRAPA. **Meio ambiente, desenvolvimento e a EMBRAPA**. Brasília, DF, 1991. p. 303-320.

SOUSA, N. R. de et al. **Caracterização agro-sócio-econômica de unidades agrícolas familiares do município de Manaquiri**. Manaus: EMBRAPA-CPAA, 1998. 25 p. (EMBRAPA-CPAA. Documentos, 19).

SOUSA, G. F. de et al. **Agrossistemas alternativos para produtores de agricultura migratória em Presidente Figueiredo-AM**. Manaus: EMBRAPA-CPAA, 1998. 23 p. (EMBRAPA-CPAA. Boletim de Pesquisa, 3).